

Apresentação: por que falar de mulheres?

Assim como Olga Fedossejeva, que impulsionou os estudos de Tradução no Instituto de Letras da UFRGS, tradutoras e teóricas da Tradução, do Marxismo, da Negritude e, de maneira geral, da produção do conhecimento científico, político, filosófico não costumam ser lembradas tão facilmente pela História das disciplinas. Raramente mulheres são referências teóricas fora de nichos bem circunscritos, são evocadas por suas reflexões, pelas abordagens e conceitos que propõem, invisibilizadas, desse modo, como pensadoras, na teoria; assim como muitas vezes a função profissional e social que assumem, a exemplo de tradutoras, revisoras ou intérpretes – leitoras/ouvintes e mediadoras por excelência –, é invisibilizada na prática, sobretudo quando por *elas* é praticada. Neste número, queremos dar destaque, seja por meio da perspectiva feminista da tradução, seja por meio de outras áreas de estudo, à produção do conhecimento feita no feminino *com e pelas* traduções que aqui trazemos.

O primeiro artigo, *Antropologia das Leituras Feministas da Tradução*, da professora Jane Wilhelm, da Université de Genève, analisa diferentes teorias de leitura, de escrita e de tradução no contexto de uma Antropologia interdisciplinar da tradução e a partir de uma reflexão feminista que também se situa em uma perspectiva hermenêutica, servindo-se do conceito de gênero como uma grade de leitura de construções sociais que consistem em relações de poder. Com efeito, a tradução, trazendo à tona questões de poder, pode inserir novos elementos no debate acerca da questão da relação com o poder e da violência da tradição patriarcal. A análise apoia-se nos trabalhos de Françoise Héritier, Lori Chamberlain, Ladmiral, Valery Larbaud e Serge Gavronsky.

No artigo *Estudos de Tradução: explorando uma Perspectiva Feminista da Tradução*, Beatriz Cagnolati, da Universidad Nacional de La Plata, apresenta a transformação dos Estudos de Tradução a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero e da *virada cultural* nos Estudos de Tradução a partir dos anos 1980, quando a tradução é incluída no conjunto dos subsistemas culturais, com interesses competitivos e sujeitos às ideologias conjunturais predominantes. No Canadá, um novo campo de estudo vincula os desenvolvimentos transculturais e translinguísticos, emergidos dos movimentos feministas dos anos 1970, à produção e recepção de textos, envolvendo a pesquisa em Tradução e Gênero, dando lugar à *tradução no feminino* ou *reescrita no feminino*, que se propõe a subverter a linguagem patriarcal e reivindicar, por sua vez, as ideias feministas.

Por sua vez, as pesquisadoras canadenses Anne Malena e Julie Tarif, da University of Alberta, buscam mostrar, no texto *A Tradução Feminista no Canadá e as teorias pós-coloniais: uma influência recíproca?*, que, no contexto político e cultural do Canadá, e mais precisamente do Quebec, vozes feministas forneceram prolegômenos da teoria da liberação para o sujeito feminino e pós-colonial em relação à hegemonia masculina nas instituições literárias. Fazem-no por meio da análise e tradução de alguns trabalhos de tradutoras feministas canadenses, como Barbara Godard e Sherry Simon.

Luise Von Flotow nos oferece, no artigo *O Feminismo na Tradução*, um panorama da influência do feminismo, como importante movimento social do século XX, sobre a Tradução e os Estudos de Tradução, apontando o aspecto heterogêneo das ideias feministas e o papel de catalisador que a tradução desempenha ao expor essa heterogeneidade. Para tanto, a autora apresenta tendências observadas na prática das tradutoras feministas anglo-americanas, quebequenses e alemãs, além da crítica e da historiografia da tradução do ponto de vista feminista, passando pelo trabalho teórico feminista sobre a tradução e pelas críticas internas ao trabalho feminista.

Fechando o rol das pesquisadoras canadenses, Rohini Bannerjee, da Saint Mary's University, aborda, no artigo *A Tradução Feminista*, a questão da diferença entre as regras gramaticais de gênero em língua francesa e em língua inglesa, que tem como corolário possível o não reconhecimento da necessidade de manter a distinção de gênero pelo tradutor. Segundo a autora, uma análise da variação de estilos entre tradutores e tradutoras confirma que aquele que traduz influencia a língua e mostra a importância de manter a consciência de gênero, a fim de suprimir os estereótipos sociais e linguísticos frequentemente encontrados na tradução de literatura feminina. A argumentação parte de exemplos de traduções de Anne Hébert e Nicole Brossard e sustenta-se nas ideias de Susanne Lotbinière-Harwood e Luise von Flotow.

O professor da Université d'Ottawa, Jean Delisle, encontra seu lugar entre as teóricas da Tradução graças ao estudo empreendido sobre os *Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética de tradução?*. Nele, o pesquisador empreende um paralelo entre os tradutores medievais franceses e as tradutoras feministas canadenses, apontando que, apesar das divergências existentes entre dois grupos tão distintos e separados no tempo e no espaço, eles compartilham pontos em comum na maneira de traduzir, entre os quais o autor elenca a apropriação do texto de partida, a busca por legitimidade, a presença de esquemas e o didatismo nos prefácios, as intervenções na língua e, por fim, a visibilidade do tradutor ou da tradutora em sua tradução.

Do outro lado do Atlântico, recebemos a contribuição da pesquisadora Marcella De Marco, da Universidade inglesa de Roehampton, com o artigo *Tradução audiovisual sob uma perspectiva de gênero*. A autora busca investigar, no contexto da Tradução Audiovisual (TAV), o que as diferenças entre as traduções da dublagem e da legendagem podem revelar sobre o modo como diferentes países lidam com questões de gênero, e o quanto essas traduções podem influenciar de forma diferente o entendimento do público sobre essas questões.

Igualmente do outro lado do Atlântico, a escritora, poeta e professora de Filosofia Tanella Boni, da Université Félix Houphouët-Boigny (Abidjan, Costa do Marfim), nos brinda com seu ensaio historiográfico *Mulheres em Negritude: Paulette Nardal e Suzanne Césaire*. Seguindo os rastros do surgimento do conceito de *negritude*, a autora busca respostas para compreender por que, apesar de suas contribuições intelectuais profícuas, essas e outras mulheres – pensadoras, editoras, tradutoras e/ou professoras – foram eclipsadas por uma genealogia feita no masculino.

Finalmente, este número concluiu-se por um artigo que, aparentemente, foge ao seu escopo. Trata-se do artigo *Mulher: Passado, Presente e Futuro (1887)*, escrito a quatro mãos por Edward e Eleanor Marx Aveling, filha de Karl Marx. No entanto, esse distanciamento é apenas aparente, pois, ao refletir sobre o lugar e a função da mulher na sociedade, esta tradutora e mediadora dos debates da Primeira Internacional, estrategista política, ativista e criadora de pontes entre a classe trabalhadora organizada e os ideais revolucionários (Farias, Bergamini, Urbini, 2021), já antevia *avant la lettre* as questões discutidas no século XXI acerca da mulher na tradução e da tradução feminista.

Que as leitoras e os leitores deste número possam aprofundar suas reflexões sobre a produção do conhecimento a partir das questões e propostas trazidas pelas pensadoras que aqui nos chegam por meio da tradução. Que tanto aquelas como esta sejam cada vez mais lembradas, nas diferentes áreas e disciplinas que ajudam a construir, pelos diálogos que estabelecem, pelas barreiras que rompem, pelas possibilidades que abrem no universo de saberes. A todas e todos que contribuíram para esta edição, nosso mais afetuoso agradecimento.

Boa leitura!

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Sandra Dias Loguercio